

O lazer nos cursos de graduação em turismo de Belo Horizonte: visão dos coordenadores de curso

Marina Araújo*

Michelle Costa e Silva**

Hélder Ferreira Isayama***

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi investigar a contribuição dos conteúdos de lazer para a formação do futuro turismólogo. Para tanto, foram selecionados 13 cursos de turismo de IES da cidade de Belo Horizonte e foram analisadas suas grades curriculares, através de uma entrevista adicional aos coordenadores, entendendo-se o papel estratégico destes na implementação dos referidos conteúdos relacionados ao lazer. Conclui-se, ao final, que os cursos de turismo não contemplam com a devida atenção as interfaces do turismo com o lazer, dada a pequena carga horária que lhe é reservada. Além disso, as disciplinas dedicadas ao lazer promovem uma pequena e descontextualizada discussão acerca desse fenômeno, uma vez que se restringem ao estudo de possibilidades de execução de diversas atividades recreativas em equipamentos turísticos privados.

Palavras-chave: Lazer; turismo; formação profissional.

Abstract

This work purposes to investigate the leisure contribution for the professional of tourism formation. Therefore, there was selected 13 tourism graduate courses of Belo Horizonte and was analysed its curriculums through an adicional interview with the coordinators, knowing his strategic function in to be effective the leisure subject. We concluded that the tourism courses do not observe correctly the interfaces between the leisure and the tourism, just right the little time of studies that they are. Add to that, the leisure disciplines have a insufficient discusion about this phenomenon, because they restringe the leisure by the study of the possibilities of recreative activities execution in tourism private equipments.

Keywords: Leisure; tourism; professional formation.

Introdução

Vive-se, na atualidade, uma crescente valorização do turismo e do lazer enquanto possibilidades de vivência cotidiana de grande parte da população. E, ao mesmo tempo em que as práticas dessas atividades atraem o público comum, tem chamado a atenção dos investidores, seduzidos pela chamada indústria do lazer, do turismo e do entretenimento. Dessa forma, para os mais diversos segmentos da sociedade, turismo e lazer, enquanto bens de consumo e possibilidades de vivência cotidiana, são freqüentemente entendidos como sinônimos: para grande parte da população o conceito de turismo tem uma conotação lúdica que o aproxima do lazer, e as férias, tempo disponível para o lazer, são associadas tanto ao lazer quanto ao turismo (Camargo, 2001).

Mas nem tudo o que é turismo se reduz ao lazer e vice-versa. Por mais que alguns autores tentem sobrepor, ou mesmo reduzir, um fenômeno ao outro, é necessário conceber que ambos se recortam mutuamente, possuindo um núcleo comum, mas conservando sub-áreas autônomas (Camargo, 2001). Segundo este autor, é no lazer extra doméstico que aparecem as primeiras interseções entre lazer e turismo: sair de casa para se divertir leva o indivíduo à dinâmica de mudança de paisagem, de ritmo e estilo de vida, elementos próprios dos deslocamentos turísticos.

No entanto, o lazer existe sem obrigatoriedade de qualquer tipo ou forma de vinculação com o turismo, as viagens e as hospedagens, uma vez que, por sua natureza, ele independe de deslocamentos espaciais expressivos (Andrade, 2001). E, ao mesmo tempo, o turismo não se efetiva, com exclusividade, como resposta às necessidades de lazer e repouso.

Apesar de suas particularidades, turismo e lazer têm seu núcleo comum ampliado à medida que se pensa nos diversos segmentos do turismo e nas diferentes motivações que se associam à dinâmica turística. Diversas tipologias turísticas, como o turismo familiar (de

visita a parentes e amigos), o de negócios e o realizado por motivos religiosos ou de saúde, por exemplo, existem independentemente do lazer. Entretanto, não se pode negar que são formatados dentro de uma lógica de atendimento também aos interesses de lazer dos indivíduos.

O que se percebe, na sociedade atual, é que as possibilidades de lazer (dentre as quais está o turismo) são entendidas, por muitos, "como o inverso das obrigações de diferentes naturezas, principalmente, do trabalho produtivo" (Werneck, 2000, p.13). Essa concepção faz com que o lazer seja freqüentemente entendido como o "'o não trabalho', 'tempo livre' ou 'desocupado' dedicado à diversão, à recuperação de energias, à fuga das tensões e ao esquecimento dos problemas que permeiam a vida cotidiana" (Werneck, 2000, p.13).

Nesse sentido, o turismo é concebido como uma "válvula de escape" da sociedade, uma atividade através da qual é possível desfazer-se do ritmo cotidiano do trabalho, do estudo, da moradia e das demais obrigações e adotar-se um estilo de vida, ainda que temporário, diferente do habitual. Como reforça Krippendorf (2001, p.36), a possibilidade de sair, de viajar, reveste-se de uma grande importância para a sociedade atual, uma vez que atribui ao lazer e ao turismo a capacidade de "reconstituir, recriar o homem, curar e sustentar o corpo e a alma, proporcionar uma fonte de forças vitais e trazer um sentido à vida".

Esses usos e entendimentos de lazer e turismo na atualidade, aqui considerados restritos e descontextualizados, estão presentes tanto no discurso empresarial como no acadêmico e apontam para o surgimento de diferentes produtos da indústria cultural, criados para a satisfação das suas novas necessidades, e aceitos, geralmente sem resistência, por grande parcela da população. Isso contribui de forma significativa para que a motivação para o lazer e o turismo assumam forma de diversão alienada e, conseqüentemente os valores humanitários

* Acadêmica do Curso de Turismo da UFMG, membro do Grupo de Pesquisas LACE/UFMG e do CELAR/UFMG.

** Turismóloga formada pela UFMG.

*** Doutor em Educação Física pela Unicamp. Docente do Mestrado em Lazer da UFMG. Líder dos Grupos de Pesquisas LACE/UFMG e do GPL-Unimep.

e sociais que compunham essas atividades sejam, aos poucos, perdidos ou cedam lugar aos novos valores impostos pela sociedade de consumo exacerbado.

No entanto, é necessário conceber que, antes de serem apropriados pela indústria cultural, turismo e lazer são, na sua essência, fenômenos socioculturais que, através de sua prática, podem proporcionar significativo desenvolvimento pessoal e social de seus participantes. Concebe-se, assim, o turismo como um fenômeno social, cultural e espacial, que surgiu a partir de uma prática humana; de homens e mulheres que desejaram, movidos pelas mais diversas motivações, experimentar algo diferente do que estavam acostumados a viver em seu cotidiano e em seus locais habituais de residência e convívio social. O turismo se configura, portanto, como o encontro de diferentes culturas, uma atividade que desencadeia uma infinidade de interações de ordem cultural, econômica, social e ambiental entre os sujeitos.

Entendemos, então, que turismo e lazer podem e devem ser vistos como constituintes das esferas cultural e social da vida cotidiana das pessoas. E, por sua articulação com as demais esferas, podem ser uma resposta crítica ao sistema e à estrutura socioeconômica desigual vigente na atualidade, através de práticas mais críticas e criativas.

Assim, pensar as relações entre turismo e lazer implica adotar um olhar crítico sobre a vida com qualidade no cotidiano da população. Significa valorizar o turismo de proximidade e o contato intercultural que a atividade proporciona como formas de se contrapor ao turismo predatório e, ao mesmo tempo, ao turismo motivado pela fuga do cotidiano através de viagens para lugares os mais distantes possíveis. Dessa forma, o estudo do lazer aliado ao turismo pode contribuir de forma significativa para que o enfoque predominantemente econômico e comercial atribuído ao turismo na sociedade atual seja balanceado através da valorização de seus aspectos socioculturais,

ou seja, da dimensão qualitativa e educativa dos deslocamentos turísticos.

Nas palavras de Camargo (2001, p.272), "estudar o lazer pode ser uma forma de se indagar sobre a qualidade da viagem como experiência cultural, como cultura. E, ainda, de perceber que o lazer doméstico, o extra doméstico e o turístico estão profundamente interligados" cultural e socialmente. Assim, sua conexão vai além das possibilidades de negócios e geração de renda nas localidades, perspectiva dentro da qual a temática lazer freqüentemente é inserida nas discussões sobre o turismo e, conseqüentemente, em sua formação profissional.

O que se percebe, atualmente, é que muitos conhecimentos relacionados ao lazer são incorporados aos currículos de graduação em turismo com base nas demandas e nas necessidades do mercado de trabalho. No entanto, considera-se que a inclusão de disciplinas e de atividades práticas de extensão e pesquisa, dentro dessa perspectiva, pode resultar em uma crescente valorização das técnicas e, ao mesmo tempo, contribuir para uma visão restrita e alienada dos próprios profissionais da área.

Nesse sentido, é possível questionar: quais as interfaces entre os temas lazer e turismo na formação dos profissionais de turismo? Como os currículos dos cursos de turismo têm encaminhado a relação lazer e turismo? De que maneira os coordenadores dos cursos de turismo, responsáveis pela construção das grades curriculares, entendem e aplicam a relação lazer e turismo nos currículos da graduação? O objetivo deste trabalho é analisar o entendimento da relação lazer e turismo para os coordenadores dos cursos de turismo do município de Belo Horizonte, tendo em vista identificar como encaminham esta relação dentro dos currículos dos cursos.

Acreditamos que a concepção de currículo não se liga somente ao conhecimento, mas àquilo que os acadêmicos são e em que se

tornam, na sua identidade e subjetividade enquanto futuros profissionais. Neste sentido, os coordenadores de curso, como responsáveis pelas adaptações e demais mudanças nas grades curriculares e nos projetos pedagógicos, efetivam relevantes operações para a formação do turismólogo. Portanto, a inclusão das discussões e estudos críticos do lazer nessa formação pode qualificar os futuros profissionais para uma atuação crítica e eficaz no mercado de trabalho, que vem concebendo o turismo como uma atividade predominantemente econômica e comercial.

Procedimentos metodológicos

Este estudo foi composto pelas pesquisas bibliográfica, documental e de campo. Na primeira foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os temas lazer e turismo, no intuito de entender como essas duas áreas do conhecimento são abordadas pelos teóricos, quais são suas interfaces, particularidades e possibilidades de atuação profissional.

Na pesquisa documental, foram analisadas informações disponíveis na internet, nas páginas das 13 instituições de ensino superior de Belo Horizonte que oferecem o curso de graduação em turismo: os objetivos, enfoques de estudo dos cursos, o perfil do profissional formado nessas instituições, a grade curricular e as ementas das disciplinas de lazer.

Posteriormente, na pesquisa de campo, foi feito contato com os coordenadores, através de uma carta enviada por e-mail para verificar a possibilidade de se conhecer o projeto pedagógico do curso de sua instituição, a grade curricular e as ementas das disciplinas de lazer do mesmo. A respeito do projeto pedagógico, todos esclareceram que tais informações não poderiam ser cedidas aos pesquisadores porque são sigilosas e, em relação às demais informações, afirmaram ser de domínio público e sugeriram a consulta às páginas da internet, o que já havia ocorrido na etapa da pesquisa documental.

Uma segunda carta foi enviada a todos os coordenadores de curso verificando a possibilidade de agendamento de uma reunião com os pesquisadores. O convite e a confirmação das entrevistas também foram feitos por telefone e, dessa forma, esta segunda etapa da pesquisa de campo foi realizada em oito instituições, dada a disponibilidade de cada coordenador em participar da entrevista.

Apesar de ter sido esclarecido aos coordenadores que não era necessário serem pesquisadores da área, um deles (coordenador 3) se recusou a participar da entrevista porque julgou que não poderia contribuir com a pesquisa proposta. Já o coordenador 4 declarou que suas contribuições ao estudo poderiam ser restritas, uma vez que o curso de turismo de sua instituição estava passando por diversas mudanças curriculares (a única disciplina de lazer do currículo não era mais ofertada) e, por isso, optou por não participar da entrevista. Três coordenadores (coordenadores 6, 7 e 9) não foram encontrados para agendamento da mesma e foram descartados desta fase da pesquisa.

Optamos pelo uso da entrevista semi-estruturada porque se trata de uma técnica flexível da pesquisa qualitativa em que os entrevistados, seguindo de forma espontânea o seu raciocínio dentro do foco principal delimitado pelos investigadores, participam também da construção do conteúdo da pesquisa. Ela parte

de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante (Triviños, 1995. p.146)

e, deste modo, poderia haver maior quantidade de informações acerca do problema de pesquisa. Foi elaborado, então, um roteiro padrão com 14 perguntas sobre: a formação dos coordenadores de curso; o enfoque do curso de turismo em cada instituição; a grade

curricular em relação ao lazer; e as relações entre lazer e turismo.

As oito entrevistas (coordenadores 1, 2, 5, 8, 10, 11, 12 e 13), aplicadas no período de junho a setembro de 2007, foram gravadas e, em seguida, transcritas para que fossem analisadas juntamente com a pesquisa documental, através do método de análise de conteúdo proposto por Triviños (1995). Este método consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações que objetivam a descrição do conteúdo das mensagens através de indicadores quanti ou qualitativos que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens (Triviños, 1995). Assim, o trabalho foi dividido em três etapas básicas na análise de conteúdo: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial.

A pré-análise consistiu na organização das informações coletadas nas entrevistas semi-estruturadas, das perguntas e respostas referentes ao roteiro padrão elaborado e das demais questões que surgiram ao longo das mesmas. Na segunda etapa, de descrição analítica, foi feito um estudo aprofundado do conteúdo das falas dos coordenadores entrevistados, sempre procurando dialogar com os referenciais teóricos trabalhados na pesquisa bibliográfica. Foram feitas sínteses das informações obtidas em relação aos seus elementos comuns e distintos, que foram agrupados em diferentes categorias (como, por exemplo, a formação, tempo de trabalho dentro da instituição e áreas específicas de atuação dos coordenadores; disciplinas que eles assumem; funções que desenvolvem; enfoques dos cursos; entendimento das relações entre lazer e turismo, dentre outras) que pudessem auxiliar na análise. Na etapa de interpretação referencial foi analisado o conteúdo latente¹ das falas dos coordenadores, ou seja, as informações obtidas através das entrevistas foram relacionadas aos contextos sociocultural e histórico da sociedade, de maneira geral, e

do turismo e do lazer, enquanto campos de estudos e de atuação profissional.

Lazer e turismo nos currículos: resultados da pesquisa

A partir dos dados documentais e das informações obtidas em campo, foi possível identificar, nas instituições de ensino superior da capital mineira, duas linhas de estudos: uma que alia a gestão ao planejamento do turismo e outra com ênfase somente na gestão. Alguns cursos têm como foco de estudo o turismo de negócios e eventos (instituições 8, 9 e 10), o que ressalta a adaptação que muitas instituições de ensino sofrem em decorrência dos ditames do mercado, uma vez que esta é a vocação turística da capital mineira. Outras instituições de ensino oferecem formação em gestão de eventos, lazer e hotelaria (instituições 4 e 11). A instituição 11, em especial, possui uma ênfase na animação turística e se destaca por seus laboratórios de lazer, hotéis e pousadas, nos quais os alunos desenvolvem ações no campo da recreação para jovens, adultos e idosos.

Há, ainda, cursos focados no planejamento do turismo, cujo enfoque de estudo é a implantação e o desenvolvimento do turismo nas localidades. A instituição 7, que possui essa ênfase, por exemplo, pretende formar profissionais "capazes de criar e implementar estratégias que viabilizem o desenvolvimento do turismo no setor intermunicipal, interestadual e regional" e que tenham capacidade de articulação econômica entre comunidades receptoras e emissoras de turistas.

Em relação à sua ênfase, os cursos podem ser assim organizados:

Foco em gestão e planejamento do turismo:

"Planejamento, organização e gestão do turismo" (Instituição 6). "Turismo: planejamento, organização e gerenciamento" (Instituição 4). "Gestão de negócios e planejamento turístico" (Instituição 11). "Planejamento, gestão e organização do espaço turístico" (Instituição 1). "Plane-

1. Triviños (1995) esclarece que também é possível utilizar dados quantitativos na interpretação referencial; entretanto, o desvendamento do conteúdo latente que os dados possuem "abre perspectivas, sem excluir a informação estatística, muitas vezes, para descobrir ideologias, tendências, etc. das características dos fenômenos sociais que se analisam (...)" (p.162)

jamento turístico/Gestão de destinações turísticas" (Instituição 7). "Planejamento, organização e gestão das atividades e/ou empreendimentos relacionados com o turismo" (Instituição 12).

Foco em gestão do turismo: "Formação voltada para o desenvolvimento e capacitação empreendedora para o planejamento e gestão em turismo de negócios, eventos e lazer, atendendo os setores público e privado" (Instituição 8). "Turismo de negócios com noções de receptivo" (Instituição 10). "Gestão/administração, acolhimento/hospitalidade, serviços de alimentação/hospedagem, pesquisa e educação, animação e recreação, planejamento e eventos, ecoturismo" (Instituição 9). "Turismo, gestão em hotelaria" (Instituição 3). "Gerenciamento de empreendimentos hoteleiros, turísticos e de lazer. Perfil empreendedor e de ampla visão de mercado" (Instituição 13).

Em geral, os cursos que possuem foco na gestão do turismo (instituições 2, 3, 4, 5, 9, 10, 11 e 13) oferecem aos graduandos um pacote de disciplinas de caráter técnico e mercadológico: "concepção e formatação de produtos turísticos", "introdução à administração", "animação turística", "gestão do turismo, da hotelaria e do lazer", "fundamentos mercadológicos do turismo", "desenvolvimento da oferta turística", "culinária e gastronomia", "gestão de restaurantes", "hospitalidade", "eventos e negócios turísticos", "alimentos e bebidas", dentre outras. Essas disciplinas correspondem a oportunidades de inserção direta no mercado profissional turístico e possuem um discurso predominantemente econômico e comercial.

Observamos que, dentre essas disciplinas de gestão do turismo, estão presentes as cadeiras de lazer, recreação, entretenimento e animação turística, o que reforça a idéia de que o lazer, na maioria das vezes, integra as grades curriculares dos cursos de turismo porque, assim como a própria atividade turística, é compreendido como um bem de consumo

da sociedade atual. Como foi apontado por Serejo (2003, p.50), em um primeiro momento, os estudos do campo do lazer integraram os cursos de turismo "por razões pragmáticas, utilitárias e funcionalistas², pois serviram para recuperar as energias, como válvula de escape das tensões diárias, para descansar, entreter e divertir os turistas e, principalmente, por questões econômicas". Assim, a valorização do turismo como uma atividade fundamentalmente econômica, na atualidade, faz com que as grades curriculares de vários cursos de turismo ainda incorporem disciplinas no currículo por questões utilitárias, visando atender às demandas do mercado de trabalho.

As instituições que optam pela integração entre planejamento e gestão do turismo (instituições 1, 6, 8 e 12), na sua maioria, tratam o fenômeno de forma holística³ e, em suas propostas curriculares, buscam incluir diversas disciplinas de áreas conexas ao turismo: "turismo e meio ambiente", "turismo cultural", "planejamento interpretativo", "paisagens e turismo", "turismo e lazer", "geografia do turismo", "antropologia cultural", "geografia e o espaço do turismo", "teoria do lazer", "sociologia", dentre outras.

Em geral, essas disciplinas de áreas conexas: geografia, sociologia, biologia, antropologia, etc. contribuem de forma significativa para a compreensão da complexidade do fenômeno turístico, uma vez que representam perspectivas diversas sobre o tema. Desta forma, visto como um sistema aberto, estuda-se as influências do meio (social, cultural, econômico e ambiental) sobre o turismo, ao mesmo tempo em que este também afeta o meio no qual está inserido.

Nesse sentido, uma tendência verificada nos discursos pedagógicos de algumas instituições de ensino superior é a valorização da produção do conhecimento e das possibilidades de concretização de projetos e ações interdisciplinares nos cursos de graduação. Segundo Dencker (2002, p.20), "a interdisciplinaridade

2. Por funcionalistas entende-se as visões conservadoras e restritas acerca do fenômeno do lazer: estas consideram-no como uma busca pela "paz social" e pela manutenção da "ordem", instrumentalizando o lazer como fator de ajuda à sociedade. Segundo Marcellino (1995), essas visões podem ser, ainda, classificadas como utilitaristas quando reduzem o lazer à função de recuperação da força de trabalho ou como um instrumento de desenvolvimento pessoal e coletivo.

3. As visões holísticas no campo do turismo são aquelas que procuram abranger esse fenômeno na sua complexidade. "Sua característica é o campo de estudo, pois reconhece que o turismo abarca muitos aspectos que se centralizam no principal, isto é, os turistas. Pelo fato de não ter sido construída com a terminologia de uma disciplina acadêmica, permite abordagens interdisciplinares e multidisciplinares do estudo do turismo" (Beni, 2001, p.36). Por intermédio da visão holística adota-se uma abordagem multidimensional para os problemas turísticos, tratando-os sob o ponto de vista de um sistema aberto, isto é, sujeito a influências do meio ambiente e, ao mesmo tempo, afetando-o.

vem sendo introduzida nas universidades por meio da realização de projetos e trabalhos integrados em diferentes cursos de graduação, reunindo os conteúdos trabalhados pela grade curricular em cada ano".

No entanto, apesar dessa integração entre as disciplinas das diferentes áreas de conhecimento ainda ocorrer de forma incipiente, as instituições de ensino superior têm autonomia assegurada pelo Ministério da Educação para fixar os currículos dos seus cursos e programas a partir da explicitação das competências e habilidades que desejam desenvolver, de acordo com seu projeto pedagógico que, segundo o MEC (Brasil, 2006), deve se adaptar à dinâmica das demandas da sociedade.

Assim, o que se percebe nos cursos de graduação em turismo de Belo Horizonte é a presença de diferentes enfoques de estudo que geram diversos perfis profissionais em cada instituição de ensino. Estes refletem as demandas do mercado de trabalho atual e, conseqüentemente, uma visão mercantil do fenômeno turístico.

Da mesma forma, as disciplinas de lazer dos cursos de turismo de Belo Horizonte também refletem essa preocupação em atender as demandas impostas pelo mercado de trabalho. Algumas dessas disciplinas se intitulam "animação turística" (instituição 11), "lazer e entretenimento" (instituição 4), "gestão do lazer" (instituição 13), o que demonstra a ligação com a animação turística – as atividades recreativas que podem ser realizadas em hotéis, pousadas e *campings* e que, em geral, possuem uma pequena discussão acerca do fenômeno do lazer, uma vez que se restringem, na maioria das vezes, à execução de atividades recreativas em equipamentos turísticos privados.

Nas entrevistas com os coordenadores dos cursos de turismo observou-se que a recreação para diferentes faixas etárias é um conteúdo comum na maioria das disciplinas de lazer. Segundo eles, essas cadeiras ajudam os alunos a pensarem formas de recreação e entreteni-

mento em meios de hospedagem, excursões e diversas viagens (coordenadores 5, 11 e 13), o que revela uma abordagem funcionalista do lazer que acaba por restringir as contribuições que esse campo pode oferecer à atuação profissional e aos estudos do turismo:

"Aí, na parte da recreação ele trabalha, tem uma parte da educação física com jogos, brincadeiras, com dinâmicas para o profissional saber utilizar esse tipo de ferramenta, para poder montar pacote, receber o turismo em um meio de hospedagem ou coisa parecida" (Coordenador 5).

"Na verdade, a disciplina se chama Recreação e Lazer, uma disciplina de 80 horas/aula. Ela começa assim, como são matérias práticas, começa com a parte de teoria. O que é lazer, a relação entre lazer e ócio, o lazer relacionado ao turismo, o que o aluno precisa saber, por exemplo, como é um guia de turismo, no caso do curso, um dos moldes onde está inserida essa disciplina, então, ele estuda assim, como ele vai fazer uma recreação durante uma excursão, qual é o tipo de recreação que vai ser feita e as faixas etárias, recreação com criança, adolescente e idoso. Começa com toda a parte teórica e depois ele tem atividades práticas, relacionadas ao que ele está estudando. Mas, geralmente assim, o centro da disciplina é o estudo do lazer e da recreação, teórica mesmo" (Coordenador 13).

Como aponta Isayama (2004), diversas disciplinas de lazer vinculam a recreação às atividades práticas desenvolvidas. Assim, os alunos acabam se tornando meros executores de atividades recreativas que são ensinadas ao longo do curso no intuito de facilitar a vivência do público-alvo de sua ação. Trata-se, portanto, de uma prática com pouca reflexão que se restringe à reprodução de atividades diversas mediante o ensino de uma variedade de jogos e brincadeiras.

Observa-se, ainda, a partir da fala dos coordenadores, que há uma confusão entre os termos recreação e lazer, que muitas vezes são entendidos como sinônimos.

"Olha, o nosso curso não é muito voltado ao lazer, recreação, né?! Ele não é nada voltado" (Coordenador 8).

Essa associação entre os termos gera dúvidas em relação aos seus significados, especificidade e abrangência e, deste modo, é possível notar, através do discurso dos coordenadores entrevistados, uma restrição do lazer à reprodução de jogos e brincadeiras:

"O que acontece é assim: a Recreação e Lazer, na verdade, a disciplina, ela é no segundo período. Agora o que acontece: toda visita técnica que tem no curso, quem está fazendo a disciplina Recreação e Lazer é responsável por organizar" (Coordenador 13).

Como ressalta Werneck (2000, p.19), a afirmação de que, no fundo, lazer e recreação são a mesma coisa,

*desconsidera dois aspectos muito importantes que diferenciam essas atividades: por um lado, as conquistas sociais dos trabalhadores às quais a ocorrência histórica do lazer está vinculada; por outro, o movimento de massa que constitui as origens da recreação, especialmente no que se refere às ações recreativas institucionalizadas na escola e reproduzidas fora do contexto escolar, como exemplo do que poderia (e deveria) ser desenvolvido nas **horas vagas de lazer**⁴.*

Dessa forma, a associação entre os temas ignora o próprio processo de constituição histórica de ambos e, devido à sua tradição histórica e cultural em nossa sociedade, a recreação continua sendo perpetuada em seu sentido técnico, operacional e descontextualizado, como uma interessante estratégia metodológica de organização de diversos jogos e brincadeiras para as diferentes faixas etárias. Tal visão pode ser comprovada pela fala de coordenadores de cursos de turismo de Belo Horizonte que afirmam que as disciplinas ligadas ao estudo do lazer são divididas em cargas horárias prática e teórica (coordenadores 5, 8, 11 e 13): esta se relaciona ao estudo do lazer e aquela, à prática da recreação, sendo que a ela estão relacionados jogos,

brincadeiras e dinâmicas (coordenadores 5 e 8). Neste sentido é possível questionar se existem e que tipo de discussões envolvem esses termos dentro do curso.

O que se pode observar a respeito da teoria e prática que envolvem o lazer é que estas são vistas, por muitos, de maneira dicotômica. Como Marcellino (1995b) chama a atenção, a esses termos é atribuída uma divisão, uma cisão, que se apresenta como antagonica. Segundo o autor (1995b), isso acontece, dentre outras causas, pelo entendimento de senso comum que, freqüentemente, se verifica em relação aos conceitos de teoria e prática, verbalizados em expressões do tipo "na prática a teoria é outra" ou "o professor é muito teórico" ou "prático", como se pode confirmar através do discurso do coordenador 11 a respeito da importância da prática nas disciplinas de lazer:

"Eu acho que os alunos estão muito empolgados com a disciplina e sua prática é essencial. A prática nessa disciplina de Recreação e Lazer é fundamental. Uma coisa é o aluno ficar só dentro de sala de aula escutando, escutando e outra coisa é o aluno vivenciar aquilo".

No entanto, é necessário afirmar que a questão na discussão da relação teoria e prática do lazer no campo do turismo "não reside na técnica em si, mas em seu uso e, mais especificamente, nas condições de sua utilização: à margem do próprio pensamento" (Hissa, 2002, p.207). É preciso um exercício de leitura crítica e reflexiva acerca do fenômeno do lazer, de suas características e particularidades, que seja anterior e, ao mesmo tempo, posterior à prática, uma vez que

muito do que se pode compreender sobre o significado da fragmentação do processo de produção do conhecimento pode ser atribuído ao superdimensionamento da importância conferida ao trabalho mecânico, exclusivamente técnico, desempenhado pelos que se intitulam "práticos" (Hissa, 2002, p.203).

E, dessa forma, através de um conhecimento restrito da teoria do lazer, os profissionais

4. Grifo da autora

que atuam nessa área, "além de confundir a prática do lazer com a prática profissional que o lazer requer, não estabelecem uma prática, mas sim um 'tarefismo'" (Marcellino, 1995b, p.77), um fazer não refletido e descontextualizado. Dentro desta perspectiva o lazer é entendido, sobretudo, como um bem de consumo da sociedade atual e suas contribuições ao turismo são mais significativas em relação à prática profissional do que ao estudo do turismo propriamente e, assim, o lazer passa a ser concebido como uma simples ferramenta para a ocupação do tempo livre das pessoas.

Acredita-se, ainda, que essa prática pouco reflexiva é também estimulada pela carência de reflexão aprofundada sobre o lazer dentro do turismo. Como se pode notar na fala do coordenador 5, o estudo do lazer é conduzido principalmente por professores formados em Educação Física, o que aumenta a possibilidade de as discussões do lazer serem pouco centradas na especificidade do turismo.

"Aí, na parte da recreação... ele trabalha, tem uma parte da educação física com jogos, brincadeiras, com dinâmica s..."(coordenador 5).

No entanto, cabe aqui ressaltar a importância da transgressão dos limites dos diversos campos do conhecimento para que, de fato, os estudos das áreas conexas ao turismo possam contribuir de forma positiva para sua teoria e prática. As inter, multi e transdisciplinaridades, nesse sentido, só existem a partir do momento em que ambas as áreas ultrapassam o seu domínio e se apropriam do domínio do outro, estabelecendo entre si um constante diálogo.

Nas palavras de Hissa (2002, p.14),

a construção do discurso transdisciplinar, para se fazer referência a uma das resultantes do processo de flexibilização dos saberes, por sua vez, pressupõe uma atitude do sujeito diante do ambiente com o qual interage. Não basta o movimento que explicita o desejo solidário de integração interdisciplinar. Ele é estéril

na ausência do sujeito que se movimenta na direção do outro, ampliando a sua formação, se apropriando de linguagens conceituais supostamente estrangeiras, viabilizando o diálogo pelo qual se reclama.

Em outras palavras, é essencial que haja professores de outros campos do conhecimento que lecionem disciplinas das áreas conexas ao turismo, desde que as interfaces entre esses campos sejam trabalhadas de forma crítica e contextualizada na especificidade do turismo dentro dessas disciplinas. É necessário que eles estejam dispostos a fazer esse deslocamento de seu campo de estudos para o turismo e, deste modo, contribuam para que essas duas áreas do conhecimento possam dialogar de forma efetiva, estimulando uma formação crítica e criativa dos acadêmicos.

No entanto, é necessário afirmar que a análise proposta neste trabalho parte da visão dos coordenadores sobre a abordagem do lazer nas disciplinas da graduação em turismo. Acredita-se que, se fosse feita outra pesquisa direcionada aos professores que lecionam as disciplinas ligadas ao estudo do lazer, talvez fosse possível enxergar outra realidade acerca deste tema.

Nesse sentido, não se pode negar a tentativa de diversas instituições de estudar o fenômeno do lazer em sua complexidade e características peculiares, em conexão com o turismo. Na fala do coordenador 11, a finalidade das disciplinas de lazer é

"estimular reflexões, ações críticas e criativas acerca do fenômeno Lazer, Recreação e Turismo, realizar vivências lúdicas sobre os diferentes conteúdos culturais da recreação e lazer, analisar relações e significados sobre lazer e recreação, ludicidade e turismo".

A partir da análise das ementas de quatro disciplinas, nota-se esse esforço em trabalhar o lazer de forma interdisciplinar com o turismo, sem reduzi-lo ou tratá-lo de forma funcionalista:

Conteúdos culturais do lazer: O papel do lazer na sociedade atual: importância, valores e conteúdos. Abordagem multidisciplinar do lazer, por meio da análise e realização de vivências lúdicas, considerando os diferentes campos de interesse: físico-esportivos, intelectuais, manuais, artísticos, sociais e turísticos (Instituição 12).

Formação/atuação profissional no lazer: Formação e intervenção profissional na área do lazer: concepções, características e abrangência de ação. O planejamento, a execução e a avaliação de programas de lazer para diferentes faixas etárias e grupos sociais (Instituição 12).

Teoria do lazer: Conceitos e significados de recreação, lazer e ludicidade em nossa sociedade. Relações históricas e sociais estabelecidas entre lazer, trabalho, cultura e educação. Análise e construção de vivências lúdicas para a área do turismo (Instituição 12).

Turismo e lazer: A relação trabalho/tempo livre e lazer/turismo. Sociedade de consumo, mercado e indústria cultural. Fórmula do "pão e circo". Educação para o lazer. Reconhecimento da oferta e da demanda, adequação ao mercado e visão de regras básicas para determinadas atividades (Instituição 9).

Essas disciplinas trabalham importantes discussões ligadas aos estudos do lazer, como recreação, o aspecto lúdico, sociedade de consumo, indústria cultural e conteúdos culturais do lazer, por exemplo. Nelas, são estudadas tanto as peculiaridades do fenômeno do lazer e suas características como as interfaces e contribuições do lazer para a atuação no campo do turismo.

A partir da análise documental dos currículos dos cursos de graduação em turismo da cidade de Belo Horizonte, percebe-se que há pouca preocupação com a incorporação dos estudos do lazer nos mesmos: 73% dos cursos possuem apenas 1 disciplina dedicada ao

tema; 9% oferecem 2 disciplinas e 18% possuem 3 disciplinas ligadas a esse tema. No entanto, apenas um dos coordenadores entrevistados considera insuficiente a quantidade de disciplinas de lazer no curso de turismo da instituição em que trabalha.

Os demais coordenadores (coordenadores 1, 5, 8, 10, 11, 12 e 13) consideram que as disciplinas oferecidas são uma introdução ao estudo do lazer e, caso haja interesse, os alunos podem se aprofundar mais nessa área. Como ressalta o coordenador da instituição 8,

"como o nosso curso não é muito voltado ao Lazer, Recreação, ele não é nada voltado. Ele é mais voltado para o empreendedorismo então, eu avalio, como nós temos oito períodos, cada período com oito disciplinas não temos como, a gente aprofundar em cada uma".

Na realidade, nenhum dos cursos analisados neste trabalho possui foco no lazer, o que, em contrapartida, não justifica que a maioria dos cursos tenha apenas uma disciplina relacionada ao estudo do lazer. Concordamos com o coordenador 8 quando afirma que não há como aprofundar os estudos em cada uma das áreas conexas ao turismo; no entanto, também não há como compreender a complexidade do fenômeno do lazer e suas interfaces com o turismo em apenas uma disciplina que possui carga horária dividida entre teoria e atividades práticas.

Nesses casos, o tempo para reflexões e discussões acerca do lazer parece ser ainda mais escasso. Ao mesmo tempo, questiona-se o número de disciplinas dedicadas a outras áreas de conhecimento, como a administração, a geografia, a história, a comunicação e a sociologia em relação ao lazer: na instituição 12, por exemplo, há duas disciplinas obrigatórias dedicadas a cada um desses campos.

A exemplo dessas cadeiras e baseando-se na sugestão de Marcellino (2001), de eixos complementares para o estudo do lazer, pensa-se ser necessário pelo menos duas disciplinas dedicadas ao tema em cada instituição. Se-

gundo o autor, seria recomendável a inserção de pelo menos quatro eixos complementares na formação dos profissionais: teoria do lazer, relatos de experiências refletidas de profissionais, vivências dos conteúdos culturais e políticas e diretrizes gerais no campo. Dessa forma, sua teoria, prática, interfaces e contribuições ao estudo do turismo seriam contempladas na trajetória dos cursos.

Diante do exposto, é possível se perguntar: como se aprofundar nos estudos do lazer ao longo do curso de graduação em turismo se 73% desses cursos possuem apenas uma disciplina ligada ao tema e 50% deles não possuem projetos de extensão ou de pesquisa relacionados ao lazer? Uma das alternativas seria a atuação no mercado profissional do lazer; entretanto, considera-se que também é uma responsabilidade dessas instituições dar subsídio aos alunos para que possam aprofundar seus conhecimentos nessa área.

Nesse sentido, assim como acontece em relação às disciplinas de lazer, há poucos projetos de extensão, pesquisas e atividades práticas que abordam a sua discussão. Segundo os coordenadores entrevistados, as atividades práticas realizadas ao longo do curso são de recreação em espaços públicos da cidade de Belo Horizonte (coordenador 5), em equipamentos privados (coordenadores 11 e 13) e com a terceira idade (coordenador 12). Os projetos de extensão existentes são de recreação em bairros pobres da cidade ou em municípios do interior de Minas Gerais (coordenadores 2, 11 e 13) e de recreação em hospitais (coordenador 12).

Observa-se que a maioria das atividades práticas e de extensão existentes vincula-se à recreação em localidades de baixa renda e em espaços públicos da cidade e, por isso, a impressão é de que essas atividades podem ter uma abordagem funcionalista e assistencialista em relação ao lazer e ao turismo. Tal constatação aponta para a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada acerca do

conteúdo e filosofia de trabalho das instituições nessas atividades, no intuito de verificar dentro de que perspectiva elas são concebidas e conduzidas. Esta seria uma estratégia para combater a visão do lazer como uma válvula de escape das tensões cotidianas do trabalho e do estudo.

Tal confusão acerca do lazer e suas contribuições para os estudos e atuação no campo do turismo podem ser justificadas, em parte, por uma falta de sistematização do conhecimento nesta área que culmina em uma relativa dificuldade na aproximação dos conceitos do turismo e suas áreas conexas. Neste sentido, certo equívoco em relação às interfaces e particularidades do lazer e do turismo pode ser verificado nos discursos dos coordenadores entrevistados.

Em relação ao lazer, em especial, uma visão funcionalista de sua interface com o turismo predomina na fala de vários coordenadores, como se pode observar a seguir:

"para acontecer turismo, tem que ser ocupação de tempo livre; pra ter ocupação de tempo livre é na hora que o cidadão está de folga, no horário que o cidadão tem de liberdade, tempo livre, de ócio. E pra ocupar esse tempo livre, lazer; e lazer leva ao turismo. É mais ou menos assim" (coordenador 8).

"quando a viagem se dá, principalmente a lazer, ela tem essa função de recarregar as baterias de cada indivíduo para que ele consiga dentro dessa sociedade cada vez mais corrida, mais estressante, lidar com o que tem que lidar de uma forma mais tranqüila, sabendo que tem o turismo como essa válvula de escape pra poder estar saindo mesmo" (coordenador 5).

É possível notar, nesses discursos, as perspectivas denominadas por Marcellino (1995a) como utilitaristas e compensatórias do lazer. A primeira relaciona-se com a redução do lazer (e do turismo) à função de recuperação da força de trabalho, de "recarregar as baterias" dos indivíduos para que tenham um bom desempenho

no seu trabalho cotidiano. Na segunda perspectiva, o lazer (e, por consequência, o turismo) é visto como uma vivência capaz de amenizar a insatisfação e alienação provocadas pelo trabalho, como uma “válvula de escape” das tensões cotidianas. Essas visões funcionalistas revelam, além de uma concepção economicista restrita com relação ao lazer e ao turismo, uma incompreensão das interfaces entre esses dois temas na sociedade atual.

Como dito, para os profissionais de ambas as áreas, muitas vezes, os limites e as relações entre lazer e turismo nem sempre são claros. Os estudiosos do lazer (Marcellino, 1996; Melo; Alves Júnior, 2003, dentre outros), por exemplo, afirmam que o turismo é um dos seus conteúdos culturais, entendendo o lazer como um fenômeno maior. Já para alguns estudiosos do turismo (Krippendorf, 2001; Camargo, 2001; Beni, 2001, dentre outros), o lazer é uma das motivações que levam as pessoas a viajar, considerando, igualmente, esse campo como um fenômeno mais amplo que o lazer.

Todos os coordenadores entrevistados consideram que o lazer está inserido no campo do turismo. Entretanto, a partir da análise de seus discursos observa-se que há, entre eles, duas formas de ver as relações entre turismo e lazer: uma delas considera o lazer como uma atividade prática dentro do turismo e a outra concebe o lazer como uma tipologia⁵ do turismo. O lazer é entendido, dentro dessa primeira visão (coordenadores 5, 8, 10, 11 e 13), como uma ferramenta que pode ser utilizada para a ocupação do tempo livre dos turistas em suas viagens e quando hospedados em hotéis e pousadas.

“Eu acho que até dentro dessa mudança a gente trouxe o lazer mais para o início do curso com essa intenção, eu considero particularmente que é uma área interessante até como um campo de trabalho para o bacharel em turismo também, uma coisa mais prática... de hotel, meio de hospedagem ou num receptivo, ou para trabalhar em um cruzeiro marítimo então, um tipo de ferramenta

que ele pode utilizar de forma prática para entrar no mercado. Então, eu vejo dessa forma” (Coordenador 5).

“Como o curso, o foco dele principal é agência e guia de viagem, então, assim, a parte de recreação e lazer é muito importante. Porque a pessoa, para ser guia, independente se ela for só guia, ela em todo instante precisa lidar com o lúdico, com a atividade lúdica, ou vai ter que entreter o turista, ou seja, o excursionista” (Coordenador 13).

“(...) ele consegue também passar uma visão empreendedora do segmento, o poder de ter essa empresa, montar, ver os nichos de mercado. Ver essa ligação com a hotelaria também, que é importantíssima. A prática nessa disciplina de recreação e lazer é fundamental (...); talvez ela possa ser um pouco mais explorada com a parte de hotelaria” (Coordenador 11).

Reduz-se, assim, as contribuições do lazer à oferta de uma gama de atividades recreativas e de entretenimento em equipamentos turísticos privados, necessários à distração e fuga do cotidiano das pessoas na atualidade. Assim, turismo e lazer são concebidos como válvulas de escape das tensões cotidianas, entendimento considerado, aqui, funcionalista e pouco reflexivo.

Outra abordagem pode ser verificada na segunda visão apresentada, uma vez que, concebendo o lazer como uma tipologia do turismo, pensa-se nos aspectos motivacionais que envolvem as viagens de lazer. Dentro dessa perspectiva, o lazer é entendido como um guarda-chuva que comporta vários tipos de turismo (coordenadores 2 e 12), nos quais a recreação, denominada pelos entrevistados como atividades práticas de ocupação do tempo livre, é um elemento secundário ou, até mesmo, inexistente. Como ressaltam os coordenadores 12 e 2,

“várias tipologias de turismo estariam encaixadas dentro desse guarda-chuva que seria o turismo de lazer. Então, um entendimento muito mais em termos de uma concepção, uma concepção

5. Tipologia é uma terminologia técnica usada no campo do turismo para designar diversos tipos de viagens com base nas motivações e nos comportamentos dos turistas, antes de viajar.

assim, teórica do que por uma atividade específica mesmo, o lazer não se define como uma atividade, então... eu acho importante esse conteúdo em função disto. É colocar o aluno em contato mais direto com essa discussão. Combater esse senso comum que a gente tanto vê por aí e mais, viu?! Como as viagens de lazer, nesse entendimento amplo, como elas contribuem como uma atividade estratégica mesmo, de injeção de ânimo no território, do ponto de vista cultural, do ponto de vista das relações humanas, do ponto de vista da socialização, do ponto de vista econômico..." (Coordenador 12).

"Entendo que o lazer, entra aí recreação, o turismo contemplativo, o turismo de esportes e vários outros que a gente poderia colocar dentro desse guarda-chuva de lazer. Mas eu acho que 90% do nosso turismo... não vou dizer 90%, não, mas 60% de turismo de lazer... menos 50% porque você tem aí o resto, o turismo de negócios, esportivo e cultural. Mas, o forte realmente é, e eu até vejo como fator motivacional, o lazer realmente" (Coordenador 2).

Assim, apesar de suas particularidades, turismo e lazer têm seu núcleo comum ampliado na medida em que se pensa nos diversos segmentos do turismo e nas diferentes motivações que se associam à dinâmica turística. Nesse sentido, concorda-se com Camargo (2001), quando afirma que o campo do lazer deve ser objeto de conhecimento e vivência imprescindível ao profissional do turismo. É preciso refletir, então, sobre a necessidade de uma formação que proporcione conhecimento amplo dessa área e de suas interfaces com o turismo, tendo em vista uma práxis consciente.

Tal formação deve partir, num primeiro momento, dos próprios graduandos e formados no campo do turismo, através de uma atuação crítica e criativa no mercado, e da universidade, por meio da oferta de uma formação profissional pautada na interdisciplinaridade, que proporcione um olhar ampliado em relação ao turismo, ao mercado e, até mesmo, à própria formação profissional nessa área.

Considerações finais

São várias as contribuições que os diversos campos do conhecimento, interdisciplinares com o turismo, podem oferecer ao estudo, à formação e à atuação profissional nesse campo. A maior delas, em relação ao lazer, certamente, é a de ajudar a balancear a ideologia dominante do turismo-negócio (Camargo, 2001), presente nos discursos do poder público, do setor empresarial e do mundo acadêmico. Assim, tendo em vista as contribuições que os estudos críticos do lazer podem oferecer ao turismo, o objetivo deste trabalho foi analisar como os coordenadores dos cursos de graduação em turismo de Belo Horizonte entendem as relações entre lazer e turismo dentro dos currículos dos cursos.

A partir das informações adquiridas em campo, observa-se que certa confusão em relação às interfaces e particularidades dessas duas áreas pode ser verificada nos discursos dos coordenadores entrevistados que, muitas vezes, concebem turismo e lazer como sinônimos. As contribuições do lazer para o turismo e para a sociedade são vistas por eles, nesse sentido, de forma funcionalista: atribuem ao lazer a função de recuperação da força de trabalho e de "recarregar as baterias" dos indivíduos para que tenham um bom desempenho no seu trabalho cotidiano.

Além disso, o lazer também é visto, assim como o turismo, como uma válvula de escape das tensões cotidianas, uma vivência capaz de amenizar a insatisfação provocada pelo trabalho. Dessa forma, reduzem as contribuições do lazer à oferta de uma gama de atividades recreativas e de entretenimento em equipamentos turísticos privados, necessários à distração e à fuga do cotidiano das pessoas na atualidade e, assim, suas contribuições ao turismo parecem ser mais significativas em relação à prática profissional do que ao estudo do turismo, propriamente.

Disciplinas como "lazer", "recreação", "entretenimento" e "animação turística", por

exemplo, em diversas instituições, fazem parte das ênfases de gestão, que correspondem a oportunidades de inserção direta no mercado profissional de turismo e possuem um discurso predominantemente econômico e comercial. Reforça-se assim, a idéia de que o lazer, na maioria das vezes, integra as grades curriculares dos cursos de turismo porque, assim como a própria atividade turística, é um bem de consumo da sociedade atual. E, dessa forma, o lazer, enquanto disciplina dos cursos de turismo, se insere nas grades curriculares desses cursos devido a uma demanda de mercado.

Nesse sentido, as instituições de ensino têm oferecido aos estudantes convênios com diversos hotéis de lazer e pousadas, onde são realizadas as atividades práticas de suas disciplinas relacionadas à recreação e a animação turística para maior especialização dos acadêmicos em relação aos espaços de trabalho. Essas disciplinas, em geral, privilegiam apenas aspectos técnico-metodológicos do lazer, através da valorização da recreação como tema central de seus estudos, enfoque que pode ser considerado restrito e descontextualizado diante da complexidade do fenômeno do lazer.

Além disso, a partir da análise dos currículos dos cursos de graduação em turismo de Belo Horizonte, foi possível perceber que as discussões do lazer têm um pequeno espaço nessas propostas curriculares: a maioria das instituições de ensino possui somente uma disciplina dedicada ao tema. Além disso, identificamos que, na maioria das instituições de ensino que possuem somente uma cadeira dedicada ao lazer, as disciplinas promovem uma pequena e descontextualizada discussão acerca desse fenômeno, uma vez que se restringem, muitas vezes, ao estudo de possibilidades de execução de diversas atividades recreativas em equipamentos turísticos privados.

Todo este contexto nos leva a retomar as discussões de Serejo (2003), quando afirma que os estudos do lazer, muitas vezes, ainda estão

presentes nas grades dos cursos de turismo por razões pragmáticas, utilitárias e funcionalistas.

Acredita-se que a integração entre o campo do turismo e de suas áreas conexas, em especial o lazer, pode contribuir efetivamente para uma formação profissional que proporcione uma visão mais ampla e crítica em relação ao turismo, ao lazer, ao mercado e, até mesmo, à própria atuação profissional nessas áreas. O grande desafio na atualidade é vivenciar essa integração dentro e fora da academia, através de uma atuação mais crítica no mercado, na qual o turismo passe a ser entendido como um fenômeno complexo e não somente como uma atividade econômica e comercial.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, J.V. **Lazer – princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- BENI, M.C. **Análise estrutural do turismo**. 6.ed. São Paulo: Senac-SP, 2001.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em turismo. Ministério da Educação. Resolução nº 13, de 24 de novembro de 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=view&id=430&Itemid=420>>. Acesso em: 14 jan. 2007.
- CAMARGO, L.O.L. Sociologia do lazer. In: ANSARAH, M.G.R. (org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**. São Paulo: SENAC-SP, 2001. v.2.
- DENCKER, A.F.M. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- HISSA, C.E.V. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- ISAYAMA, H.F. Formação profissional. In: GOMES, C.L. (org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2001.

- MARCELLINO, N.C. **Lazer e educação**. 3.ed. Campinas: Papirus, 1995a.
- _____. A dicotomia teoria/prática na Educação Física. **Motrivência**. Ano 7, n.8, dez., 1995b.
- _____. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores associados, 1996.
- _____. **Lazer e esporte: políticas públicas**. Campinas: Autores associados, 2001.
- MELO, V.A.; ALVES JUNIOR, E.D. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.
- SEREJO, H.F.B. O lazer e a formação profissional em turismo no nível superior: reflexões no âmbito da instituição pioneira em Minas Gerais (1974-1985). **Licere**, Belo Horizonte. v.6, n.2, p.32-42, 2003.
- TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.
- WERNECK, C.L.G. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

Cronologia do processo editorial:

Recebimento do artigo:	19-fev-2008
Envio aos pareceristas:	13-mai-2008
Recebimento dos pareceres:	27-jun-2008
Envio para a revisão do autor:	30-jun-2008
Recebimento do artigo revisado:	30-jun-2008
Aceite:	30-jun-2008